

Sou diferente, mas quem não é?

Regina C. de Oliveira Santos

“[...] São os filhos do deserto, onde a terra esposa a luz. Onde vive em campo aberto a tribo dos homens nus. São os guerreiros ousados [...] Ontem simples, fortes, bravos. Hoje miseros escravos, sem luz, sem ar, sem razão [...]” Castro Alves.

Dilemas éticos, envolvendo intolerância com as diferentes etnias reforçam a necessidade de se estabelecer ações que levem o aprendente a compreender a importância da contribuição de povos, de diferentes etnias, na formação da população brasileira. Neste artigo valorizam-se as heranças étnicas e culturais advindas do processo de miscigenação. A quantidade de informações inviabiliza o estudo cronológico de todos os povos que aqui chegaram. A história e a cultura dos povos indígenas, europeus e africanos precisam ser mostradas com enfoques de respeito e valorização humana. Pela falta de respeito às diferenças e desconhecimentos de causa sobre a miscigenação no Brasil, neste artigo, a autora parafraseando João José dos Reis alerta: “enquanto o povo brasileiro não tiver acesso ao conhecimento da história de si próprio, a escravidão intelectual e a cultural se manterão no país”. Nota-se muita resistência do brasileiro em aceitar sua etnia. Muitos renegam a realidade da mistura interracial. Segregação, preconceito, racismo e xenofobia devem ser combatidos e banidos na sociedade brasileira. Racismo velado só existe porque o agressor não consegue identificar e decifrar a imagem refletida no próprio espelho. Através de ações, no processo da educação, no futuro, o Brasil será uma nação onde a liberdade, o respeito e a igualdade caminharão juntos com a democracia.

Palavras-chave: Heranças étnicas – Segregação – Xenofobia - Racismo-Educação.

Dilemas éticos, envolvendo intolerância com as diferentes etnias no cotidiano escolar, reforçam a necessidade de se estabelecer ações que levem o aprendente a compreender a importância da contribuição de povos, de diferentes etnias, na formação da população brasileiro.

Faz-se necessário que crianças e jovens brasileiros, em idade escolar, tenham acesso as informações que os levem a entender, em caráter emergencial, a diversidade geográfica dos povos, de diferentes etnias, formadores desta nação, assim como, conhecer a história e cultura de todos eles.

É sabido que as quantidades de informações étnicas e culturais inviabilizam o estudo cronológico de todos os povos que aqui chegaram. Desta forma, estabeleceu-se a necessidade de se elaborar ações que deverão ser propostas em projetos multidisciplinares, cujo objetivo venha ser o de levar até ao aprendente, o maior número possível de informações que lhe permita compreender, refletir e aplicá-las no dia a dia da sociedade na qual esteja inserido.

A história e a cultura dos povos indígenas, europeus e africanos precisam ser mostradas com enfoques onde o respeito, a valorização humana, o reconhecimento das contribuições fornecidas a este país, seus trabalhos e suas lutas sejam realçados, valorizadas, trabalhadas e, principalmente, compreendidas. Este enfoque mais humanista contribuirá com o aumento da alta estima do aprendente e construirão conceitos de respeito, harmonia ou, no mínimo, de tolerância entre os povos e as minorias desvalorizadas neste país: o índio, o negro, o cigano, o quilombola e o mestiço.

Neste artigo valorizam-se as heranças étnicas e culturais advindas do processo de miscigenação. Ressaltamos também as contribuições recebidas e inseridas no cotidiano do povo brasileiro.

Embora tenhamos chegado ao século XXI, situações constrangedoras e, em alguns casos, de violência e segregação têm sido constantemente divulgadas pela mídia e vivenciadas no contexto escolar.

Diz-se que pessoas mestiças, indígenas, ciganas, negras e nipônicas estão integradas à vida nacional. Há controvérsias!

Em se tratando de quilombolas e ciganos, ambos viviam completamente segregados, isolados e ignorados pela sociedade.

É sabido que existem comunidades negras vivendo, ou melhor, sobrevivendo semi isoladas e/ou nos quilombos. Os ciganos continuam nos acampamentos. Imigrantes estão reunidos nas colônias. Migrantes sendo rechaçados dentro do próprio país. Os indígenas, vivendo em reservas protegidas por Lei federal. Recentemente, houve disputa pela posse de terras entre indígenas e arroteiros. Felizmente o bom senso e a justiça se fizeram presentes e os indígenas ganharam a causa.

A propósito: você conhece algum quilombola? Quem era o líder do movimento negro e dos quilombolas, falecido em 2008 no Rio Grande do Norte? Você sabia que o atual Governo Federal, atendendo as reivindicações dos defensores das minorias, sancionou Lei dando direito à cidadania para um povo que, também, tem representação no Rio Grande do Norte. Que povo é este?

Não podemos esquecer-nos dos indígenas do Rio Grande do Norte. O que aconteceu com eles? Infelizmente, seus descendentes não sabem da importância de se conhecer suas origens e valorizar a cultura. Muitos, sequer conhecem suas ascendências.

No Brasil, houve o genocídio de 4.650.000 índios e, conseqüentemente, o etnocídio. Ninguém toca no assunto!

Foi necessário se impor, através da Lei nº 10.639, de janeiro de 2003, a obrigatoriedade da temática sobre a história e cultura afro brasileira, no ensino público. Estamos no ano de 2009 e os aprendente e ensinantes continuam a renegar suas origens.

José Ricardo Oriá Fernandes nos faz refletir sobre a importância do conhecimento da própria origem, ao citar João José dos Reis (1993, p.189), em seu texto sobre o Ensino de História e Diversidade Cultural: Desafio e Possibilidades.

Na atual conjuntura e, com tanta falta de respeito às diferenças e conhecimentos de causa sobre a miscigenação no Brasil, neste artigo, a autora parafraseando João José dos Reis diria: “enquanto o povo brasileiro não tiver acesso ao conhecimento da história de si próprio, a escravidão intelectual e a cultural se manterão no país”.

Nota-se muita resistência do brasileiro em aceitar sua etnia. Muitos não se conformam e renegam a realidade da mistura interracial.

O termo mestiço é visto como ofensivo. Se a pele da pessoa for clara, é chamada de branco. Se for mais escura, é negro. Partem do princípio anglo saxão: escapou de branco preto é.

A falta de informação e a dificuldade na interpretação de fatos que viabilizem a reflexão do ensinante para que se possa atingir o conhecimento através da compreensão do que foi lido, pesquisado ou estudado faz com que no século XXI, a mídia e muitos

aprendentes continuem a exaltar o papel de Pedro Álvares Cabral como descobridor do Brasil. Omitem o fato da presença de indígenas que aqui viviam naquela época. O genocídio e o etnocídio, praticados em nosso país contra indígenas durante a ocupação e colonização, ninguém se importa?

Ao perguntar sobre a importância para o norterio-grandense, sobre o dia 3 de outubro, a resposta da turma foi: é feriado. Não haverá aula!

A passagem dos holandeses por Canguaretama e o massacre dos mártires de Cunhaú e Uruaçu ficou no esquecimento dos jovens. A miscigenação com holandeses, também.

A vinda dos americanos durante a segunda Guerra Mundial também, deixou frutos genéticos.

A participação do negro na construção da história e da cultura riquíssima desta nação está registrada em livros.

A mão de obra escrava, indígena, mestiça e imigrante na produção de riquezas, nas construções das vilas, na criação e amamentação das crianças brancas e na extração de minérios, na lutas e conquistas em diferentes fases históricas deste país, é ignorada ou desprezada.

Italianos e japoneses por não se deixarem escravizar, conseguiram se estabelecer em colônias e preservar suas culturas. Muitas tradições e festas típicas são admiradas e apreciadas por todos.

Com a vinda de imigrantes de todo o mundo, outras misturas étnicas foram ocorrendo e a raça do brasileiro se estabelecendo como multi-étnica ou, em termo mais popular: mestiça.

É importante lembrar que, um brasileiro ao ofender a cor do seu semelhante, além da atitude ser vergonhosa e racista, demonstra que o agressor não conhece a origem deste povo e de si próprio. Possui características xenófobas, ignora os direitos das pessoas, não tem consciência cidadã.

O termo afro descendente também, por falta de informação, tem gerado conflitos. A palavra indica que o indivíduo possui ascendência de povos nativos no continente africano, incluindo os seus colonizadores: britânico, francês, alemão, italiano, espanhol, português, belga e holandês.

Partindo desta premissa, é correto afirmar que nem todo afro descendente é negro. A intolerância e a falta de informação vêm gerando conflitos sociais, principalmente, no campo educacional. As conhecidas “cotas”.

Ao inserir a temática afro brasileira no ensino público, o aprendente terá a oportunidade de debater à respeito de seus conceitos quanto à diversidade étnica e cultural. Durante a apresentação dos temas e sempre que for necessário, orientá-lo a rever sua postura e de estabelecer relação interracial com respeito, aceitação e tolerância.

Caberá ao professor intervir em conflitos sobre diferença racial, sempre que se fizer necessário. Mostrar a necessidade de respeito e comentar sobre a responsabilidade civil do agressor e as sanções penais para racismo. Com esta postura, o ensinante estará ajudando no desenvolvimento de uma identidade positivista, esclarecendo as diferenças, orientando ao aprendente quanto à valorização do ser humano e de se enxergar como parte de uma sociedade mais justa e conhecedora da formação de seu povo. É importante que este aprendente compreenda a diversidade étnica como algo natural e parte do processo de miscigenação. Quando este se recusar a mudar de conduta, os pais deverão ser notificados e alertados quanto à gravidade do fato.

Intitulado: “Sou diferente, mas quem não é?”, este artigo tem com objetivo esclarecer que embora alguém possa parecer ou ser diferente, no fundo somos todos frutos de matrizes afins. Somos mestiços.

O povo brasileiro foi constituído a partir das raças geradoras: índio, europeu, negro africano e asiático. Com a convivência, as raças foram se misturando e formando matizes de variadas diferenças na pigmentação e nas características físicas. Formou-se uma raça multi racial, ou seja: mestiça.

Embora hoje em dia, os mestiços são chamados de pardos e afros descendentes, é importante conhecer as diferentes etnias formadas pela miscigenação no Brasil:

- Cafuzo. Negro + índio;
- Mameluco. Índio + branco;
- Caboclo. Branco + índio;
- Sarará. Mestiço com a pele clara e cabelo encaracolado;
- Albino. Pele muito clara e sem pigmentação;
- Ruivo. Pele clara e cabelo vermelho;
- Ameríndio. Índio americano;
- Branco. Imigrante europeu sem miscigenação;
- Negro. Imigrante negro africano sem miscigenação;
- Amarelo. Imigrante asiático sem miscigenação;

- Nissei. Japonês + Brasileiro;
- Mulato. Branco + negro.

Além da diversidade na tonalidade da pele, a miscigenação foi importante para a formação da herança multicultural do Brasil. O folclore brasileiro é riquíssimo e admirado por todos no mundo. Na culinária encontramos do regional típico a sofisticação francesa.

A Constituição Federal (1988) garante a liberdade de credo. A diversidade religiosa contempla todas as religiões, cultos e seitas. É comum encontrar em famílias numerosas, diversas filosofias religiosas de diferentes credos. Católicos, ortodoxos, protestantes, umbandistas, culto de orixás, congo angolano, islamismo, afro indígenas, afros brasileiras, indígenas, hebraicas, budistas, espiritualistas, Kardecistas, Ramatisianos, messiânicas, adventistas e hinduístas. Todos convivem em harmonia, respeito ou tolerância.

Heranças lingüísticas, regionais, literárias, indumentárias, musicais, danças, festejos religiosos e típicos constituem o patrimônio cultural brasileiro (Art. 216, CF/88).

Segundo o Art. 5 do Capítulo I, Título II da Constituição federal de 1988: “Todos são iguais perante a Lei [...]”

Segregação, preconceito, racismo e xenofobia devem ser combatidos e banidos na sociedade brasileira.

A mídia tem mostrado diversas situações e atitudes racistas e preconceituosas envolvendo a classe média brasileira e tida como “cultura”. Crimes hediondos têm sido praticados contra o semelhante sem distinção de cor, credo, sexo ou idade. A banalização de crimes hediondos vem chocando e assustando a sociedade e, enlutando famílias. A sociedade brasileira clama por ordem e justiça. Nosso direito de ir e vir está se tornando cada vez mais restrito.

Nas escolas as agressões e humilhações continuam acontecendo no relacionamento interpessoal.

São tantas as leis, porém, a aplicação da mesma é uma incógnita. Nota-se o uso constante da “Lei do Grito”, onde o fato sobrepõe-se ao direito.

Durante um conflito envolvendo a invasão de terras, um plantador de arroz reclamou do índio que reivindicou a reintegração da posse, de terras indígenas, por não

considerar o índio como brasileiro. A falta de informação gera muitos conflitos nas questões raciais. Infelizmente o fazendeiro esqueceu ou não tomou conhecimento de que antes da cana de açúcar e de Cabral, no Brasil só havia índios.

O racismo velado só existe porque o agressor não consegue identificar e decifrar a imagem refletida no próprio espelho.

Uma das formas de se dar um basta à ignorância, e suas conseqüências será através de ações emergenciais no processo da educação de nossas crianças e jovens para que, no futuro, o Brasil possa ser uma nação onde a liberdade, o respeito e a igualdade caminhem juntos com a democracia.

Infelizmente no ensino brasileiro o que prevalece é a quantidade de alunos promovidos para a seriação subsequente. A qualidade do ensino, a maturação e a zona de desenvolvimento real não estão sendo consideradas. Aprendentes chegam ao 6º ano do ensino fundamental sem conhecer o alfabeto, sem noção de valores sociais, com dificuldades na leitura e na compreensão das operações fundamentais da matemática. Para se mudar ou melhorar a educação de um povo, é preciso estruturar a base desta educação – o alicerce. No processo natural, as paredes serão erguidas. Quanto chegar ao telhado, o aprendente deverá estar apto para discernir entre a necessidade de se reforçar as vigas ou, não, antes de construir uma laje. A base é e, sempre será, o principal.

Difícilmente notamos admiração, respeito e orgulho nos nossos alunos quando a questão é a valorização do nosso país. Mesmo sem saber o que se passa no próprio bairro, sem acompanhar as notícias veiculadas na mídia, sem participar de movimentos sociais do município, sem saber o nome do prefeito ou da governadora e sem a valorização dos estudos, a tendência das crianças e jovens é de criticar, debochar, desfazer e desdenhar. Embora o brasileiro insista em não reconhecer o Brasil como uma grande nação, muitos e muitos mestiços fizeram parte da história deste país:



PRESIDENTE J.K



M.PONTES STRONAUTA



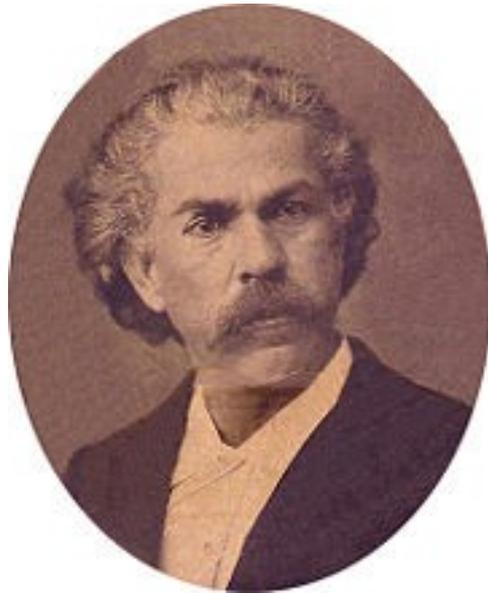
CLODOALDO NADADOR



PRESIDENTE CASTELO BRANCO



PRESIDENTE LULA



CARLOS GOMES COMPOSITOR ERUDITO



CAPOEIRISTAS



Como já cantava um grupo de jovens baianos: “Chegou à hora de esta gente bronzeada mostrar seu valor”.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, ROBERT. A África está entre nós: História e cultura afro brasileira. João Pessoa, PB. Editora Grafset, 2004

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. Lei nº 10.639 (2003). Diário Oficial da União. Brasília, DF, 10. jan. 2003

CASTRO ALVES, A.J. Tragédia no mar: o navio negreiro. Rio de Janeiro, RJ. Academia Brasileira de Letras. 2000. p.695

Enciclopédia do Estudante. África. São Paulo, SP. Editor Abril cultural Vols. I e II. 1973

FERNANDES, J.R.O. Ensino de História e diversidade cultural: Desafios e possibilidades. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

WIKIPÉDIA. Disponível em <<http://www.google.com.br>> .Acessado em 21 abr 2009

Autorização

Eu, **Regina Célia de Oliveira Santos**, portadora da carteira de identidade nº. 002.189.953, CPF nº. 543.522.667-87, autorizo a publicação em formato digital, sem ônus, do artigo: **SOU DIFERENTE, MAS QUEM NÃO É?**- de minha autoria, pelo **Portal Domínio Público**, biblioteca digital do Ministério da Educação, no endereço de internet www.dominiopublico.gov.br. É de meu conhecimento que a publicação das obras na internet terá fins estritamente não-comerciais, permitindo a reprodução e impressão gratuita pelos usuários da biblioteca.

Parnamirim-RN, 25 de junho de 2009.



Nome: Regina Célia de Oliveira Santos
CPF: 543.522.667-87

